

A IMPRENSA E OS REGISTROS DE ARQUITETURA E URBANISMO EM JOÃO PESSOA – 1850 A 1936

**MOURA FILHA, MARIA BERTHILDE (1); CABRAL, FABIANE B. (2);
CARDOSO, GABRIELA MARIA DE L. (3); CUNHA, IARA B. DA (4);
LEAL, LILIANNE DE Q. (5); NEGRÃO, ANA G. (6)**

1. Universidade Federal da Paraíba. Departamento de Arquitetura
Rua Juiz Ovídio Gouveia, 18 – Bairro dos Estados – João Pessoa – PB – 58031-030
berthilde_ufpb@yahoo.com.br
2. Arquiteta e Urbanista graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Paraíba
Av. Gov. Argemiro de Figueiredo, 880/401 – Bessa – João Pessoa – PB – 58037-030
fabianebcabral@hotmail.com
3. Universidade Federal da Paraíba. Graduanda do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPB
Rua Gil Furtado, 300 – Bairro dos Estados – João Pessoa – PB – 58030-206
cardosogabriela@gmail.com
4. Universidade Federal da Paraíba. Graduanda do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPB
Av. Pres. Epitácio Pessoa 4697/503 – Tambaú – João Pessoa – PB – 58039-000
iarabcunha@gmail.com
5. Universidade Federal da Paraíba. Graduanda do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPB
Rua Sebastião Interaminense, 369/403 – Bessa – João Pessoa – PB – 58037-770
lilliannequeiroz@hotmail.com
6. Universidade Federal da Paraíba. Graduanda do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPB
Rua Joakim Schuller, 430/104 – Bessa – João Pessoa – PB
agnegrao@hotmail.com

RESUMO

Neste artigo, relatamos os resultados de uma pesquisa que tem por objetivo contribuir para um melhor conhecimento sobre a história urbana da antiga cidade da Parahyba – atual, João Pessoa, no período compreendido entre a segunda metade do século XIX e o final da década de 1930, abordando a questão através da coleta de notícias contidas nos jornais pertencentes ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba. O produto resultante deste trabalho será uma base de dados, na qual as notícias recolhidas estarão sistematizadas e disponíveis para subsidiar futuros estudos relativos ao processo de construção e transformação de João Pessoa, no período abordado. Este trabalho vem sendo desenvolvido no âmbito do programa de iniciação científica e se integra às atividades do “Laboratório de Pesquisa Projeto e Memória”, criado junto ao Departamento de Arquitetura da Universidade Federal da Paraíba.

Palavras-chave: jornais, história urbana, João Pessoa.

1. INTRODUÇÃO

No ano de 1858, surgia a proposta de abertura de uma nova rua que seria paralela à “Rua das Convertidas” na cidade da *Parahyba* – atual João Pessoa. Esse fato foi noticiado no jornal *A Imprensa*, no dia 14 de maio daquele ano, havendo um questionamento sobre quais seriam os benefícios que aquela rua traria para a cidade.

Sabemos que registros desse gênero são uma importante fonte de informação para a construção da história urbana, pois não só expõem os fatos ocorridos em cada tempo, como enfoca o impacto que os mesmos tiveram no âmbito da administração pública, da sociedade, da economia local e do cotidiano na cidade.

Associam-se a essas notícias, outras que revelam os hábitos e comportamentos da população. A exemplo, em 1859, a imprensa noticiava os bailes freqüentados pela sociedade, os festejos ocorridos na Semana Santa, a preparação da cidade para recepcionar o Imperador D. Pedro II. Aspectos da história social que acrescentam dados significativos para uma melhor compreensão da cidade enquanto espaço de vivência e lugar das transformações físicas ocorridas.

A identificação desses registros, disponíveis nos jornais veiculados pela imprensa local, associada à constatação das lacunas que há na bibliografia produzida sobre a cidade de João Pessoa, motivou o desenvolvimento da pesquisa aqui relatada, a qual tem por objetivo contribuir para um melhor conhecimento sobre a história urbana da capital paraibana, tendo por fonte de informação os acervos de jornais remanescentes em arquivos e bibliotecas.

Esta vem sendo desenvolvida no âmbito do Programa de Iniciação Científica e constitui uma das linhas de trabalho do Laboratório de Pesquisa Projeto e Memória, criado junto ao Departamento de Arquitetura da Universidade Federal da Paraíba.

Ao princípio, sendo necessário definir o universo a ser trabalhado, verificamos que em 1826, circulou o primeiro jornal impresso na cidade. Denominado *Gazeta do Governo da Parahyba do Norte*. Embora a imprensa estivesse estabelecida na cidade desde essa data, os jornais mais antigos, hoje existentes, datam da década de 1850 e pertencem ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. O precário estado de conservação em que esses jornais se encontram nos levou a priorizá-los, fato que determinou a baliza inicial do período sobre o qual decidimos trabalhar. A constatação de que o século XIX é pouco contemplado pela história local nos confirmou a importância de registrar as notícias daquela época.

Sendo necessário restringir o alcance da pesquisa, a fim de trabalhar com uma realidade coesa que possibilitasse avaliar os resultados obtidos, tratamos de definir um limite para nosso recorte temporal. Tomamos como diretriz o ideário da época, direcionado para a modernização, civilização e embelezamento das cidades, que ecoava na Paraíba na segunda metade do século XIX, repercutindo, progressivamente, em mudanças no espaço da cidade e no modo de vida da população. Esse ideário de modernização marcou a entrada do século XX e predominou até quando, a partir da década de 1940, passou a ser substituído por um outro discurso oficial. Foi esse o momento por nós adotado como ponto final da pesquisa.

Dessa forma, ficou definido o nosso objeto de trabalho: a história urbana de João Pessoa, no período compreendido entre a segunda metade do século XIX e o final da década de 1930, abordada através da coleta das notícias contidas nos jornais pertencentes ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano.

Nosso objetivo é reunir e sistematizar essas informações, as disponibilizar em uma base de dados e possibilitar que venham a ser uma fonte de pesquisa para futuros estudos

relativos ao processo de construção e transformação da cidade de João Pessoa, no período abordado. Assim, os pesquisadores terão acesso a essas notícias, hoje dispersas em periódicos que têm sua “vida útil” ameaçada pelo estado de conservação em que se encontram.

Os resultados obtidos, até o momento, são profícuos, confirmando ser este percurso de investigação válido para o estudo do recorte temporal aqui proposto. Analisando o conteúdo das notícias coletadas, vemos que estas não só contribuem para aprofundar conhecimentos anteriormente construídos, sanando as lacunas existentes, como viabilizam trilhar outros percursos neste campo de estudo, abrindo novas perspectivas sobre a temática. A exemplo, através destas notícias está sendo possível conhecer mais informações sobre a atuação do poder público na administração da cidade, sobre a assimilação dos princípios urbanísticos da época à realidade local, sobre os impactos e repercussões que traziam as transformações urbanas ocorridas.

No entanto, ao utilizar essas notícias, estamos conscientes da necessária visão crítica exigida daqueles que trabalham com este tipo de informação. Ao longo da pesquisa, identificamos jornais com títulos sugestivos, como por exemplo, *O Imparcial* (1861) e *A Verdade* (1900). Mas sabemos que a imprensa nem sempre é imparcial e que a verdade pode estar condicionada a posicionamentos políticos, disputas partidárias e interesses diversos. Por isso, a leitura e aplicação dessas notícias requer cautela e o conhecimento do contexto no qual as mesmas se inseriam, de modo a não produzir falsas informações sobre a cidade.

Vendo a necessidade de apresentar a realidade sobre a qual inside nossa pesquisa, expomos, a seguir, um breve panorama sobre a cidade da *Parahyba* e o papel da imprensa na sociedade da época. Na sequência, apresentamos os resultados alcançados até o momento.

2. A REALIDADE TRABALHADA

2.1. A cidade da *Parahyba*

Na segunda metade do século XIX, o Brasil estava impregnado de idéias de modernização e civilização, as quais germinaram e passaram a dominar as ações do poder público e as aspirações da sociedade durante as primeiras décadas do século XX. Ecos desse ideário chegaram à Paraíba, onde, apesar das condições econômicas pouco propícias, o governo local procurou seguir o exemplo de outras províncias, investindo, a princípio, nas necessárias medidas de saneamento da capital, mas atentando, também, para as obras de modernização e embelezamento da cidade, e para a construção de edifícios imprescindíveis à sociedade da época.

Enquanto Presidente da Província da Paraíba, entre os anos de 1857 e 1859, Henrique Beaurepaire Rohan, demonstrou sua preocupação em relação à falta de regularidade no alinhamento e nivelamento das ruas da cidade, a ausência de um sistema de abastecimento de água e de coleta de esgotos e o acúmulo de águas servidas e de lixo nas ruas. Sua atenção estava voltada, principalmente, para as questões sanitárias, mas de suas ações resultou a abertura de algumas ruas da cidade. Ressalta Wilnna Vidal que essas intervenções de Beaurepaire Rohan

(...) se deram nos moldes daquelas realizadas por Haussmann em Paris (1853 - 1870), numa escala muito pequena e pontual, é claro, mas orientadas pelas

mesmas motivações: saneamento de áreas pobres e de estrutura precária, alargamento e regularização de ruas existentes e abertura de ruas amplas – medidas estas destinadas a possibilitar um adequado funcionamento da cidade no futuro. (VIDAL, 2004)

Estas idéias continuaram sendo perseguidas, como se detecta em notícia divulgada no jornal *Gazeta da Parahyba*, em 1889:

Quem percorrer com animo desprevinido a área d'esta cidade há de notar por força os melhoramentos já realizados em muitas ruas, praças, travessas e ladeiras, sendo algumas d'ellas calçadas com pedras de granito, trahendo grande embelezamento á cidade e elementos de aceio e boa hygiene á população. (**Gazeta da Parahyba**. Parahyba do Norte, 24 ago. 1889)

A mesma notícia acrescentava que “*Entre as obras que se iniciaram são de grande importância e utilidade as do novo teatro e do mercado publico*”. E afirmava que a concretização destes dois edifícios significava prestar “*um grande e relevante serviço à provincia*” que alcançaria, assim, uma “*sublime conquista de aspiração e progresso*”. (**Gazeta da Parahyba**. Parahyba do Norte, 24 ago. 1889)

Progresso, embelezamento, saneamento eram as metas que orientavam os investimentos do poder público, e eram essas mesmas idéias que balizavam o comportamento da sociedade em busca de hábitos sofisticados, como freqüentar o teatro; viver em espaços de habitação concebidos segundo os preceitos de saneamento e estética correntes na época; ter lojas e magazines onde eram comercializados os produtos que faziam a moda no Rio de Janeiro e na Europa.

Proclamada a República, em 1889, a ordem e o progresso passaram a ser o lema do novo poder estabelecido. Após as reformas urbanas empreendidas no Rio de Janeiro, no início do século XX, a capital federal surgiu como símbolo do ideário de modernização e embelezamento das cidades, servindo de parâmetro e modelo a ser seguido pelos poderes públicos nas demais províncias e como ideal almejado pelas elites urbanas.

Seguindo essa tendência, ao entrar o século XX, o poder público promoveu intervenções na cidade da Paraíba, voltadas para a melhoria da infra-estrutura urbana: a implantação do primeiro sistema de abastecimento de água, a instalação da iluminação elétrica e a substituição dos antigos bondes de tração animal pelos bondes elétricos.

No governo de Camilo de Holanda (1916-1920) a Paraíba atravessou uma fase de pleno desenvolvimento. Grande investimento foi feito, então, para a construção de escolas, sendo desta época o novo edifício para a Escola Normal (atual Palácio da Justiça) e os grupos escolares Eptácio Pessoa, Antônio Pessoa e Isabel Maria das Neves.

São do mesmo período o imponente prédio da Imprensa Oficial (hoje desaparecido), a Associação Comercial e a Academia de Comércio Eptácio Pessoa. Esses eram os marcos mais evidentes da prosperidade do Estado da Paraíba e do desenvolvimento da sua capital.

Na década de 1920, foram finalmente executados os serviços de saneamento da cidade, há muito tempo esperado e a implantação de um novo sistema de abastecimento de

água, projetos elaborados pelo escritório do engenheiro Saturnino de Brito. Por fim, foi saneada a antiga Lagoa dos Irerês que bloqueava o crescimento da cidade em direção ao leste. Em seu local surgiu o Parque Sólon de Lucena que, no entanto, só foi urbanizado no final da década de 1930.

Também foram abertas muitas ruas e praças, exigindo por vezes a demolição de edifícios centenários, entre estes diversas igrejas setecentistas. A abertura da Praça Vital de Negreiros fez desaparecer a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. A Igreja da Mãe dos Homens, no bairro de Tambiá, foi demolida para o alargamento da Rua Monsenhor Walfredo Leal e implantação da Praça Antônio Pessoa.

Em 1922, foi construída e inaugurada a Praça da Independência, em comemoração ao centenário daquele fato histórico. Essa praça foi mais um elemento a direcionar a população em sentido oposto ao núcleo antigo da cidade. O mesmo ocorreu com a conclusão das obras de urbanização do Parque Sólon de Lucena, em 1937.

É neste momento que se encerra o recorte temporal da pesquisa proposta, pois a partir de então, outros ideários passam a reger a produção da cidade, abandonando-se o urbanismo sanitaria e a arquitetura eclética, em prol de princípios modernistas expressos na abertura da Avenida Presidente Getúlio Vargas e na construção do edifício do Liceu Paraibano.

Observa-se ter sido este um período de mudanças significativas na cidade da Paraíba, com a introdução de serviços urbanos, melhoria da estrutura viária e construção de edifícios que vinham atender a novas funções. É esta realidade que pode ser mais bem conhecida através das notícias contidas em jornais da época, dos quais se deseja extrair não apenas os fatos ocorridos, mas a repercussão destes no âmbito da sociedade e do poder público que exaltava tais melhoramentos urbanos como metas alcançadas dentro do ideário de modernidade então vigente.

2.2. A imprensa e seu papel na sociedade

Publicado em 16 de fevereiro de 1826, a *Gazeta do Governo da Parahyba do Norte* foi o primeiro jornal produzido e impresso em território paraibano. Fundado pelo Presidente da Província, Alexandre Francisco de Seixas Machado, o semanário político-noticioso foi lançado na Capital. O segundo jornal editado na cidade foi a *Gazeta Parahybana* (1828-1829), pertencente a Antônio Borges da Fonseca, republicano que, através da imprensa, divulgava seus ideais (AGUIAR, 2002).

Segundo Bezerra (1989), diversos jornais pertencentes a órgãos e facções políticas circularam ao longo do século XIX. Como exemplo podemos citar *A Imprensa*, de propriedade da Diocese, *O Despertador* e *A Regeneração* que representavam os partidos liberal e conservador, respectivamente, e também o periódico *Jornal da Parahyba* que promovia as articulações dos partidos políticos.

Apesar da grande variedade de títulos, os jornais locais tinham pouca longevidade e tiragem diminuta. De acordo com o mesmo autor, na década de 80 do século XIX, vinte títulos circulavam na capital da província, no entanto, apenas sete ultrapassaram um ano de edição. A efemeridade dos periódicos se dava pela insuficiência de recursos para publicação, elevado índice de analfabetismo da população e atraso na entrega dos exemplares nas localidades onde não havia estação ferroviária, entre outros fatores.

Sendo a imprensa escrita o principal meio de comunicação da época, os jornais tornaram-se veículo de divulgação das novidades, dos avanços tecnológicos, dos hábitos e modas europeus. Através das folhas, a população se mantinha informada dos principais acontecimentos nacionais e internacionais.

A citação abaixo, extraída do periódico *Gazeta da Parahyba* do dia 28 de julho de 1888, expressa a opinião dos redatores sobre a importância da imprensa na sociedade. Destacam-se a “crítica das instituições e dos costumes”, atribuída à função do jornalista, a sua influência e as responsabilidades, traduzindo os “factos da vida civil e da vida moral” para a população.

O jornalista tem na sociedade uma influencia muito mais profunda que a do mestre-escola e responsabilidades muito mais serias e muito mais graves. É o jornal que faz a critica das instituições e dos costumes. É o jornal que estabelece o criterio por que tem de ser julgados os factos da vida civil e da vida moral. É o jornal que eleva ou deprime o nivel da inteligencia publica. É o jornal que fixa para a multidão o ponto de vista nas altas questões da honra, da dignidade e do dever. (**Gazeta da Parahyba**. Parahyba do Norte, 28 jul. 1888, p. 1, c. 5)

A partir dos fatos noticiados e dos anúncios veiculados pela imprensa da época, podemos vislumbrar a cidade de João Pessoa através da ótica dos jornalistas.

3. METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa baseou-se na catalogação e na sistematização de notícias de jornal. A catalogação consistiu na busca e no registro de informações referentes à temática abordada e a sistematização atendeu à necessidade de ordenar esses registros, tornando-os acessíveis aos futuros pesquisadores.

Servindo-se da hemeroteca do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), a catalogação de notícias realizou-se por meio da leitura objetiva de jornais históricos, em busca de quaisquer informações sobre a temática que delimita a pesquisa.

Os registros encontrados nos jornais foram transcritos em fichas catalográficas criadas para esse fim. Foram observados os seguintes critérios de transcrição paleográfica de textos, visando respeitar os originais:

- transcrição em linha contínua, sem indicação de mudança de coluna ou página;
- obediência à ortografia, notação numérica e pontuação primitivas;
- uso do símbolo (**) para assinalar trechos ilegíveis ou inexistentes;
- uso do símbolo (...) quando uma parte do texto original era suprimida da transcrição;
- uso de colchetes para registrar qualquer acréscimo ou contribuição pessoal ao texto original, como dedução de palavra ilegível ou faltante, desenvolvimento de abreviatura, explicações *etc.*

Os arquivos das fichas foram nomeados de acordo com esta padronização: título do jornal; dia, mês e ano do exemplar em que a notícia foi publicada; número da notícia, por ordem de aparecimento no exemplar (ex.: **A REPUBLICA 15081907 N1**). Esses arquivos receberam proteção contra edição por terceiros — visando garantir a confiabilidade da informação colhida na fonte primária. Gravado em CD-ROM, o acervo encontra-se à disposição da comunidade acadêmica no Laboratório de Pesquisa Projeto e Memória, no Centro de Tecnologia da Universidade Federal da Paraíba, onde pode ser consultado e impresso.

4. CARACTERIZAÇÃO DOS JORNAIS

Os jornais da segunda metade do século XIX e das primeiras décadas do século XX, objeto desta pesquisa, diferem bastante dos periódicos atuais. Em caderno único, com duas folhas e quatro páginas, as reportagens são distribuídas em colunas (de 3 a 6) e separadas por filetes gráficos. A primeira folha, geralmente, trata de política local e nacional, na frente, e sobre assuntos variados no verso; na terceira página, introduzem-se as seções, e os anúncios ocupam todo o conteúdo da última página.

As seções se restringem às publicações solicitadas como, por exemplo, editais da administração pública e anúncios comerciais, além dos telegramas e folhetins literários. A periodicidade da folha varia, podendo ser uma ou duas vezes por semana — periódicos das décadas de 50 e 60 — ou de circulação diária (exceto às segundas-feiras), como aqueles das décadas de 80 e 90 daquela centúria.

Um tipo de periódico, em formato de revista, aparece na virada para o século XX. Assemelha-se a um magazine, tem apelo juvenil, evita temas políticos e ocupa-se de amenidades, charadas, romances, poemas, anúncios comerciais e coluna social. Circulam uma ou duas vezes por semana. São assim os periódicos: *A Verdade*, *O Echo*, *O Porta-voz*, *Gutenberg*, *Tic-tac*, *A Lucta* e *Parahyba-jornal*.

Há também aqueles que se dedicam a descrever os atos das festas religiosas, particularmente a Festa das Neves (padroeira da cidade), retratando costumes e vestimentas da sociedade. Sua publicação é sazonal. Esse é o caso dos títulos *Novenal* e *O Chique*. A figura 1 exhibe a primeira página de alguns dos jornais mencionados.



Figura 1: Exemplos de periódicos. Fontes, respectivamente: CORREIO DA TARDE. Parahyba do Norte, 22 mar. 1910, p. 1. A VERDADE. Parahyba, 13 set. 1900, p. 1. TIC-TAC. Parahyba do Norte, 11 fev. 1912, p. 1. NOVENAL. Parahyba, 3 ago. 1911, p. 1.

5. OS REGISTROS DE ARQUITETURA E URBANISMO

A pesquisa "Registros de Arquitetura e Urbanismo em João Pessoa — 1850 a 1936", até o momento, catalogou 2.984 (dois mil novecentos e oitenta e quatro) registros obtidos a partir de 2.159 (dois mil cento e cinquenta e nove) jornais. A seguir, uma abordagem geral sobre a temática das notícias catalogadas, exemplificada com trechos de transcrições.

5.1. Apreensão da paisagem arquitetônica

Algumas passagens nos permitem entrever a paisagem construída, por meio da arquitetura das edificações e o seu aspecto estético. É dessa forma que sabemos que, em 1892, uma forte chuva destruiu o frontispício de dois imóveis antigos “contemporaneos dos primeiros colonizadores” que coabitavam entre “modernos predios” da Rua da Areia (Desmoronamento. **Estado do Parahyba**. Parahyba, 3 abr. 1892, p. 2, c. 2-3).

5.2. Saneamento e salubridade dos logradouros públicos

Freqüentemente, matérias relacionados ao escoamento das águas pluviais e ao asseio das ruas denunciam o estado em que se encontrava a cidade de João Pessoa até o final do século XIX, ao mesmo tempo em que exigem ações da administração pública para sanar os problemas.

No artigo intitulado *As calhas contra a lei*, a folha *O Parahybano* do dia primeiro de setembro de 1892 delatava o não cumprimento da norma que obrigava as edificações a não despejarem as águas dos telhados no logradouro público: “se teem collocado calhas para despejo das aguas ao meio da rua, [...] com prejuizo dos transeuntes e até dos proprietarios” (As calhas contra a lei. **O Parahybano**. Parahyba do Norte, 1 set. 1892. Inedictoriaes, p. 3, c. 3).

Quanto à salubridade do espaço urbano, o descuido das autoridades revolta o autor da matéria, preocupado com a proliferação de doenças.

É uma miseria e uma vergonha a falta de qualquer limpeza que se nota em todas as ruas da cidade. O capimzal e arbustos de toda a natureza crescem desassombradamente [...]. Em aceio ou limpeza rigorosa das ruas nem è bom falar. Lixo, immundicies e detricτος de toda a natureza ostentam-se ao sol [...]. Hoje que exigem-se cuidados rigorosos e exagerados de hygiene porque o cholera pode qualquer dia fazer-nos uma visita, nesta capital os focos de miasmas marcam as ruas. (**Estado do Parahyba**. Parahyba, 27 out. 1892, p. 2, c. 2-3)

O poder público municipal reage criando um serviço de coleta de lixo: “Todas as casas deverão collocar bem cedo, á porta, um caixão com todo o lixo e residuas de que careçam desembaraçar-se. Devemos todos auxiliar a intendencia para que dê bons resultados tão proficua medida” (Limpeza publica. **Estado do Parahyba**. Parahyba, 5 abr. 1892, p. 3, c. 1). No entanto, alguns dias depois, a execução do serviço é criticada pela mesma folha, que afirma ser “um espetaculo um pouco repugnante e nauseabundo a fila de caixões cheios de lixo e de detricτος que são collocados na extremidade das calçadas” (Limpeza publica. **Estado do Parahyba**. Parahyba, 24 abr. 1892, p. 2, c. 3).

No início do século XX, reclamações de cunho higienista e preocupações com a saúde pública continuam na ordem do dia. Os esgotos insalubres correm pelas ruas, provocando repugnância na população. A limpeza e a varrição das ruas são medidas para combater a proliferação de doenças.

Alguns moradores da rua Maciel Pinheiro pedem-nos para chamar atenção do dr. Prefeito desta capital para uns esgotos compreendidos entre a travessa Barão do Triumpho e a rua da Boa Vista, que estão fazendo muita lama e exalando um máo halito. (**Gutenberg**. Parahyba do Norte, 4 jul. 1909. Registo, p. 4, c. 3)

Chamamos a atenção do Sr. Prefeito da capital para o uso inveterado da limpeza das ruas publicas durante os dias, quando esse serviço deve ser feito á horas mortas da noite, quando a cidade se acha fechada. Conforme prescreve a hygiene a poeira desprendida dos passeios constitue o agente mais poderoso para a transmissão dos microbios. (**A Republica**. Parahyba do Norte, 26 ago. 1907, p. 2, c. 4)

5.3. Melhoramentos infra-estruturais

Na tentativa de acompanhar as transformações urbanas e tecnológicas, inserindo-se no século XX, a cidade de João Pessoa necessitava expandir e melhorar a sua infraestrutura, através de ações como ampliação de ramais da ferrovia, substituição de bondes de tração animal por bondes elétricos, criação de serviços de abastecimento d'água, iluminação das ruas e telefonia, entre outros. Esse desejo premente está ilustrado nas transcrições abaixo.

(...) precisamos limpar-nos das immundicies urbanas para cuja remoção a municipalidade sente-se impotente; urge, quanto antes, abastecer a cidade de agua potavel, extreme de vicios, para que a saúde social não perigue de futuro e, finalmente, as trevas em que vivemos mergulhados, em prejuizo do seculo, precisam ser espancadas pelo carbono para que os nossos espiritos se alegrem e os nossos juizos se expurquem de sombras. (AQUILLES, Arthur. Uma patota embryonaria. **O Parahybano**. Parahyba do Norte, 16 dez. 1892, p. 1, c. 3)

Vistas patrioticas — occupa-se do decreto que hoje foi publicado, relativamente a uma auctorisação que facilite o levantamento de capital para uma empresa, que se incumbirá do serviço de abastecimento d'agua, esgoto, illuminação e tracção electrica. A importancia desses melhoramentos é indiscutivel. (VISTAS Patrioticas. **A Republica**. Parahyba do Norte, 8 nov. 1907. Respondendo, p. 1, c. 4)

5.4. Embelezamento da cidade

Os problemas estruturais da cidade não ofuscavam o interesse em embelezá-la, com atenção à estética das edificações e do espaço urbano. *O Parahybano* recorre à fiscalização para verificar a construção de uma “casa de palha [...] sem levar em conta as posturas municipaes”, contrariando “a boa disposição local para uma avenida agradável no fucturo, já iniciado” (É com a intendencia. **O Parahybano**. Parahyba do Norte, 3 set. 1892. Inedictoriaes, p. 3, c. 2).

Desejavamos que a illustre intendencia ou o seu fiscal informasse ao publico qual é o alinhamento que se deve adoptar somente na pequena secção do jardim até a igreja do Bom Jezus. Parece-nos que se observam trez ou mais: o que acompanha o alinhamento da rua direita (e parece que devera ser este o verdadeiro); outro que foi recentemente dado pelo fiscal acompanhando uma casa que estava fora da linha e que por isso devia ser condemnado e outros e outros que vão rua da Trincheira afóra, formando curvas e zig zags. (Alinhamento das ruas. **Estado do Parahyba**. Parahyba, 17 mar. 1892, p. 2, c. 3)

O ideal de progresso reflete-se nos esforços para embelezar a cidade, dotando-a de infraestrutura, urbanizando os logradouros públicos com calçamento e arborização, erguendo novas construções, modernizando os edifícios com o novo estilo arquitetônico etc. Com estes registros, é possível recriar o cenário urbano das primeiras décadas do século XX.

Quem, como nós, conhece de *visu* a Parahyba de hontem e a de hoje; hontem, um pedaço de terra brasileira esquecido, cheio de casas velhas mal formadas, de caracós, de alagadiços, sem methodo e sem embellesamento; suas ruas e praças como as de uma insignificante aldeia; (...) Hoje, que bella transformação! (...) A Parahyba sente-se orgulhosa e marcha em caminho das cidades cultas. Seus edificios em parte sendo reconstruidos com o rigor da actualidade, outras construcções de fino gosto se procede dentro de sua capital; (...) os seus templos religiosos bem conservados; suas ruas bem limpas, suas praças ajardinadas, dando-lhe uma certa elegancia, tudo devido a sua municipalidade que zela pelo engrandecimento material da Parahyba; (HONTEM e Hoje. **Gutenberg**. Parahyba do Norte, 20 jun. 1909, p. 3, c. 1-3)

5.5. Uso e ocupação do solo

Anúncios de estabelecimentos comerciais, serviços oferecidos por profissionais autônomos, classificados de venda e aluguel de habitações, entre outros, em que constam o endereço do imóvel, permitem mapear a distribuição da população e das atividades existentes naquela época. A compilação dessas informações leva-nos a compreender a paisagem construída, através da análise da ocupação e do uso do solo urbano.

Vende-se a casa n. 65 á rua do Tambiá; quem pretender dirija-se a mesma que achará com quem tratar. (**O Despertador**. Parahyba do Norte, 18 fev. 1869. Anuncios, p. 4, c. 3)

A importante loja de ferragens dos Sr. Vidal Alverga & C.^a, acaba de mudar-se para o predio n.º 34 da rua Maciel Pinheiro. Em um armazem bastante grande acha-se hoje bem installado o referido estabelecimento. (**A Republica**. Parahyba do Norte, 11 nov. 1907, p. 1, c. 4)

O bacharel Romulo de Magalhães Pacheco é encontrado, para o exercicio de sua profissão, em sua residencia, a rua Duque de Caxias nº 1 ou na redacção d' "A União". (ADVOGADO. **Correio da Tarde**. Parahyba do Norte, 3 jan. 1910, p. 4, c. 2)

Vende se a casa n. 92, sito á rua Dr. Amaro Coutinho desta cidade. A tractar na rua Dezembargador Trindade n. 58. (CASA. **A Republica**. Parahyba do Norte, 20 nov. 1907. Anuncios, p. 3, c. 1)

5.6. Lazer em sociedade

As atividades de lazer diversificam-se na virada para o século XX, com o aparecimento de cinemas, a proliferação de bandas de música e o veraneio nas praias. A retreta no Jardim Público e as festividades religiosas continuam movimentando a sociedade.

Realisar-se-á hoje na pittoresca floresta da praia do Bessa, um excellente *pic-nic* promovido por uma *troupe* de distintos moços de nossa sociedade. (PIC NIC. **A Republica**. Parahyba do Norte, 24 ago. 1907, p. 2, c. 3)

Realisou-se domingo ultimo a costumeira retreta do Jardim Publico, notando-se naquelle centro de diversões o que ha de mais chic na sociedade parahybana. (**Parahyba-jornal**. Parahyba, 1 jul. 1915. Chronica Social, p. 3, c. 2)

Hoje, será hasteada, na Igreja da Mãe do Homens, a bandeira, que sahirá da Igreja de S. Bom Jesus, ás 5 horas da tarde, dando começo aos festejos de N. S. Mãe do Homens. Haverá em seguida ladainha. A notar pelos annos anteriores é de esperar que a festa do bairro do Tambiá seja revestida de muita pompa. (**A Republica**. Parahyba do Norte, 26 ago. 1907, p. 2, c. 4)

6. ESTUDOS DESENVOLVIDOS SOBRE AS TEMÁTICAS RECORRENTES NA PESQUISA

Após a identificação de diversos temas que constantemente eram tratados pela imprensa naquela época, decidimos aprofundar o conhecimento sobre alguns deles, tendo por subsídio as notícias registradas ao longo desta pesquisa. Apresentamos, a seguir, um resumo panorama dos trabalhos que vêm sendo desenvolvidos.

6.1 As políticas sanitárias na *Parahyba do Norte* no final do século XIX

O final do século XIX, no Brasil, foi marcado pelo ideário de modernização das cidades, fundamentado nos princípios da salubridade, fluidez e estética. O pensamento urbanístico de caráter sanitaria entrava em vigor e passava a se difundir nos grandes centros urbanos brasileiros, chegando à capital paraibana, que de forma embrionária e defasada, demonstrava seus primeiros sinais de mudança.

Estas mudanças se revelaram, ainda na primeira metade do século XIX, através de leis e posturas estabelecidas pela Câmara Municipal, em 1830. Estas determinavam o cumprimento de deveres de ordem pública, resultantes da preocupação com a aparência e ordenamento da cidade e, principalmente, com a disciplina e conduta da população.

Nessas posturas, a questão sanitária era tratada por meio de medidas emergenciais, tais como: a limpeza pública, marcada pela remoção de lixo das ruas, e relocação dos ambientes considerados prejudiciais ao meio urbano – locais de comercialização de alimentos, principalmente os mercados e os açougues.

Tais medidas vinham como resposta aos evidentes problemas da insalubridade, e decorrente disseminação das epidemias, dentre as quais a varíola e a cólera tiveram destaque pelo considerável número de vítimas, sendo a população assistida pelos dois hospitais existentes na cidade: o Hospital Militar e a Santa Casa de Misericórdia. Sobre isso, denunciava a imprensa:

É notório, que por causa da variola e outras enfermidades de menor importancia, o governo tem feito, ha annos, largas despezas, não só n'esta cidade como em outros pontos da provincia, abrindo as presidencias, créditos sob sua responsabilidade; a crise é a mais seria e arriscada. Nos proximos mezes desenvolve-se entre os estrangeiros e os habitantes dos sertões que se acham n'esta cidade a febre amarella, e parece-nos que não deve ser no momento, que se tomem medidas para seu tratamento. (CHRONICA. **A Opinião**. Parahyba do Norte, 28 out. 1877, p. 1, c. 4)

Ao final do século XIX, perdurando este quadro gerado pela insalubridade urbana, foram publicados os editais que informavam sobre os serviços exigidos pelo Conselho de Intendência da Capital, e prescreviam as penalidades adotadas para quem não os executasse. O jornal *Estado do Paraíba* de 6 de outubro de 1891, anunciou:

[...] se faz publico, que fica marcado o prazo de seis mezes a contar do 1.º do corrente, para os possuidores de terreno nas ruas calçadas desta Capital, a edifical-os com muro ou fronteira, ficando os que o contrario praticar sujeitos a multa de dez mil reis mensaes, até que cumprão esta deliberação. [...] faço sciente que o serviço de limpeza, deve constar, não só do varrimento das principaes ruas desta cidade como tambem a retirada do lixo das cazas habitadas nas mesmas ruas, sendo o referido serviço, feito em carroças apropriadas, devendo principiar do 1.º de Janeiro do anno vindouro”. Secretaria do Conselho de Intendencia Municipal da capital do Estado do Parahyba, 6 de Setembro de 1891. (**Estado do Parahyba**. Parahyba do Norte, 6 out. 1891, p. 2, c. 5-6)

Ao mesmo tempo em que o poder público impunha essas medidas básicas em relação à ordem e limpeza urbana, em nada avançavam serviços essenciais, como o abastecimento de água, permanecendo a população servida por meio de bicas e cacimbas públicas, ou mesmo particulares. Verifica-se que esse melhoramento urbano estava em pauta, pois, na

última década do século XIX, a imprensa registrou as diversas tentativas de implantação da rede de distribuição de água encanada, porém todas fracassadas.

Entre nós tão sensível é a falta de iluminação, como a d'água encanada; [...] sem água fácil e limpa, estamos sujeitos às impurezas das cacimbas particulares e à porcaria das fontes públicas, de ordinário maltratadas, sem um olhar se quer da municipalidade. São por tanto essas duas empresas, dois elementos bons, um da moral e da ordem, outro da comodidade e hygiene públicas. Consta que se acha em projecto na assembléa provincial um requerimento dos Srs. Visconde de S. Christovão e Alfredo Quens, do Rio de Janeiro, que se propoem a fazer o encanamento, de água potável, a iluminação por meio da electricidade e o serviço de latrinas públicas. A comissão de obras públicas, segundo somos informados, deu favorável parecer e o projecto acha-se em discussão. (PELOS FACTOS. **O Mercantil**. Parahyba do Norte, 1 dez. 1883, p. 2, c. 3-4)

A atenção dispensada pelo poder público a essas questões de salubridade e saneamento da cidade da *Parahyba* demonstra uma sintonia com os princípios sanitaristas adotados no Brasil naquela época. Se as medidas colocadas em prática tinham um caráter tímido e embrionário, muito se devia às restrições determinadas pelos limitados recursos disponíveis para investimentos em obras.

Apesar disso, buscavam-se meios de reverter o quadro alarmante acarretado pelos danos provocados pela insalubridade, enquanto se desejava intervenções de maior porte, como a abertura de novas vias, a construção de praças e jardins públicos, tendo como parâmetro o ideário de embelezamento e modernização da cidade, seguindo o exemplo dos centros urbanos mais avançados do Brasil. No entanto, essas almejadas transformações só foram se concretizando após a chegada do século XX.

6.2. Arquitetura residencial na cidade da *Parahyba* na segunda metade do século XIX

Ao observarmos os registros existentes sobre a cidade da *Parahyba* na segunda metade do século XIX, percebemos que sua estrutura urbana era pouco superior àquela do núcleo inicial, constituído pela cidade alta, onde estava edificada a Igreja Matriz, e o Varadouro, na margem do rio Sanhauá.

Através da “Planta da Cidade da Parahyba”, levantada em 1855, por Alfredo de Barros e Vasconcelos, 1º Tenente do Corpo de Engenheiros, verifica-se que até aquela época, era muito limitada a expansão da sua malha urbana. A cidade crescera sobre os vazios existentes na área de encosta situada entre o Varadouro e a cidade alta, e dois eixos de crescimento estavam escassamente ocupados: Trincheiras e Tambiá.

Ao final do século XIX, Vicente Gomes Jardim, autor da “*Monographia da Cidade da Parahyba do Norte*”, datada de 1889, registrou a existência de 128 logradouros públicos na cidade, havendo nestes mais de dois mil prédios de alvenaria.

Isso aponta que a cidade, em quase sua totalidade, adensava-se sobre a área do seu núcleo inicial. Tinem e Carvalho (2006), buscando analisar a arquitetura residencial produzida naquele período, verificaram que os exemplares mais expressivos encontram-se nas ruas Duque de Caxias, General Osório, Rua da Areia e Rua das Trincheiras.

A Rua Maciel Pinheiro destinava-se aos sobrados de uso misto que mesclavam o habitar e o trabalhar. Isso se confirma através de anúncios divulgados pela imprensa, que direcionavam o leitor para os serviços e comércios nela instalados.

As residências mais simples – casas térreas implantadas em lotes de pequena testada e extensa profundidade – foram construídas nas regiões mais baixas da cidade, próximas ao rio, e acabavam por plagiar os adornos e elementos arquitetônicos existentes nas fachadas das casas mais abastadas.

Mais informações sobre esta arquitetura residencial são extraídas dos anúncios de casas para alugar, divulgados pelos jornais da época, como se afere a seguir:

Aluga-se a casa n. 9 da Rua de S. Bento com grandes commodos para família e excelente quintal com fruteiras, a tratar com o proprietario na mesma casa. (**A Parahyba**. Parahyba do Norte, 6 set. 1880)

Aluga-se o prédio n. 146 á rua Maciel Pinheiro desta capital, com bastantes commodos para familia, quintal murado, cacimba e latrina. (**Gazeta do Commercio**. Parahyba do Norte, 1 nov. 1885)

Vende-se a casa da rua do Tanque n.º 1, de tijolo com duas salas de frente, 4 camarinhas, sala de jantar, cozinha, e em continuação a esta um grande quarto, e com o quintal murado. A tratar com, J. F. de Mello Barreto. (**Gazeta do Commercio**. Parahyba do Norte, 22 jan. 1896)

Pode-se visualizar, através destes anúncios, que a distribuição espacial das casas remetiam aos padrões das residências do período colonial: uma sala de frente, aos fundos a sala de convivência familiar e a parte de serviços. Entre estas salas encontravam-se as alcovas, ou camarinhas.

Estes anúncios revelam também, algumas características que deveriam valorizar os imóveis aquela época: a casa com muitos cômodos, quintal murado para cultivo de espécies frutíferas, a existência de cacimba e latrina, fundamentais quando não havia na cidade serviço de abastecimento de água ou esgotos. Em geral, os anúncios reforçavam a existência do quintal, bem estruturado para a execução dos serviços, demonstrando que este, de fato, acoplava valor às residências.

Quanto aos materiais construtivos, era sempre ressaltado o uso do tijolo e as cobertas em telha, sinônimos de uma edificação sólida e duradoura.

Verificamos que as informações extraídas desses anúncios nos trazem dados significativos sobre a arquitetura residencial produzida na cidade naquela época, seja como registro da disposição espacial das casas, dos seus sistemas construtivos ou do modo de morar dos seus habitantes. Concluimos que, sob alguns aspectos, mantinham-se os padrões remanescentes das casas coloniais, apesar da busca por uma arquitetura mais “moderna” acessível apenas a uma parcela da população.

6.3 Apontamentos para bem edificar no final do século XIX

No ano de 1888, o jornal “Gazeta da Parahyba” publicou um trabalho intitulado “Ligeira analyse da construcção de predios; regras que devem ser observadas por occasião de

sua execução, e processos a empregar por João Claudino de Oliveira e Cruz, bacharel em ciencias phisicas e mathematicas, e Capitão do Corpo de Engenheiros”.

Observa-se a pertinência da imprensa em publicar este “trabalho técnico” sobre a construção de edificações, no momento em que, na capital paraibana, começavam a ser postas em prática as idéias de ordenar e sanear a cidade, e o poder local fazia investimento em edifícios significativos para aquela época, como o Teatro Santa Roza, inaugurado em 1889, o Tesouro Provincial e o mercado público.

Ao introduzir o seu trabalho, o engenheiro João Claudino afirmava que sua intenção era contribuir para uma melhor qualidade da arte de construir, pois no exercício da sua profissão, em todo o país, constataria que milhões de “contos de réis” eram perdidos por se confiar a construção de importantes e variadas obras a pessoas sem o devido conhecimento. O autor acusava ser “o atraso e a ignorancia aos principios da ciencia”, o principal fator desses “desacertos”. (**Gazeta da Parahyba**. Parahyba do Norte, 1 nov. 1888, p. 3)

Nesse trabalho expunha a experiência acumulada em serviços prestados ao governo imperial, lhe sendo possível avaliar os “varios systemas de construcção empregados nas diversas partes do imperio”. Aliava a esta experiência prática o seu conhecimento teórico de engenheiro, na intenção de prestar “um pequeno serviço á aquelles que se dedicam a este ramo de conhecimentos”. (**Gazeta da Parahyba**. Parahyba do Norte, 1 nov. 1888, p. 3)

No primeiro capítulo do seu trabalho, intitulado “defeitos devidos à economia”, João Claudino apontava as três principais causas da má execução das construções: a economia mal entendida, o mau processo empregado e a falta de idoneidade por parte dos encarregados.

Um dos principais aspectos por ele ressaltado era a substituição da qualidade da edificação em detrimento do lucro a ser obtido com as construções. Dizia:

Os nossos antepassados quando tratavam de edificar um predio sò tinham em vista a maior duração, afim de que este se tornasse um eterno patrimonio da familia; hoje, porém, o que se vê? Principalmente no Rio de Janeiro a ganancia de accumular fortuna em poucos dias é tal, que arrasta muitos capitalistas a empregarem seus capitaes em executar pessimas construcções. (**Gazeta da Parahyba**. Parahyba do Norte, 1 nov. 1888, p. 3)

Ou seja, resultava desta atitude gananciosa de seus proprietários construções “excessivamente fracas e de pouquíssima duração, as quais tem que ser constantemente reparadas ou rápidamente demolidas em consequência de problemas estruturais”. Ao mesmo tempo, denunciava que a qualidade não era um aspecto a ser exigido pelas câmaras municipais, cujos “responsáveis pela aprovação da construção de tais edificações, observava apenas o princípio relacionado à higiene”.

Outra questão abordada por João Claudino e bastante válida para aquela época, dizia respeito à participação dos engenheiros no planejamento dos edifícios:

Um dos grandes defeitos que redundam em prejuízo dos capitalistas é a exclusão que fazem dos profissionais, não só para construir as suas propriedades, como para projectá-las; e desgraçadamente hoje este má systema está tão em uso, que difficilmente recorrem elles a um engenheiro para o delineamento de qualquer plano. Infeliz profissão é a do engenheiro por mais que a do medico esta sujeita a ser violada até mesmo pelos analphabetos. (**Gazeta da Parahyba**. Parahyba do Norte, 4 nov. 1888, p. 3)

Mais uma vez, frisava ser o emprego de mão-de-obra não qualificada um dos fatores que resultava na má qualidade das edificações, comprometendo tanto o planejamento e a execução da obra, quanto sua correta fiscalização.

Dando por terminada a primeira parte do seu trabalho, passou João Claudino a descrever os processos empregados na execução das construções, “apresentando ao mesmo tempo as regras e principios que devem ser observados na composição de cada uma de suas partes”. (**Gazeta da Parahyba**. Parahyba do Norte, 9 nov. 1888, p. 2-3, c. 4-5-1).

Discorreu sobre a fundação dos edifícios, paredes, argamassas, esquadrias, madeiramento e telhado, aconselhando os construtores quanto às melhores formas de executar cada uma destas partes.

Ao conhecermos o conteúdo destas recomendações, confirmamos a pertinência da sua publicação pela imprensa local, considerando sua inserção em um contexto de expansões e reformas na cidade da Paraíba. Era o momento para o poder público e os proprietários de imóveis zelarem pela qualidade da arquitetura que vinha espelhar os anseios de modernização e embelezamento da cidade, pois era este o propósito final do trabalho elaborado por João Claudino, que assim se expressa: “O leitor ha de desculpar-me, porque não posso deixar de severamente condemnar tudo quanto contribuir para o atrazo da nossa patria.” (**Gazeta da Parahyba**. Parahyba do Norte, 1 nov. 1888, p. 3)

6.4 As festividades religiosas e as novas opções de lazer urbano na *Parahyba do Norte* na segunda metade do século XIX: uma sociedade entre a tradição e o progresso

Abordar o papel que a Igreja vem exercendo na sociedade através dos tempos é um tema recorrente em estudos nos diferentes ramos da ciência. Nesse sentido, este artigo tem por escopo avaliar como as festividades religiosas refletiam essa influência da Igreja sobre a sociedade da *Parahyba do Norte*, na segunda metade do século XIX, apresentando-se ainda como forte instrumento de sociabilização. Em contrapartida, na mesma época, identificamos uma população dividida entre o desejo de ter diversificadas formas de lazer social e a resistência frente a estas novas formas de lazer.

Pesquisando os periódicos que circulavam na cidade, naquela época, vê-se que eram constantes as notícias que registravam as práticas religiosas de então, sendo notável a grande diversidade de festas, procissões, novenas, entre outras. Relatava a imprensa que estas festividades religiosas eram sempre concorridas e “cheias de brilhantismo”. Além de que, em épocas de festa, os jornais anunciavam lojas com grande sortimento de produtos, principalmente em relação à vestimenta e a fogos de artifício.

Através das notícias, percebem-se esforços ora por parte da imprensa em divulgar os festejos, ora por parte da população em cooperar com a realização e organização deles. Essa atenção é observada em especial na festa da Padroeira, Nossa Senhora das Neves. Como revela o Jornal “A Parahyba”, de 1880:

Terminou no dia 8 a festa de nossa inclyta padroeira. Apesar da constante invernada, não arrefeceu o ardor dos bons e catholicos parahybanos no intuito de embelezarem o culto devido soberana rainha do céu e terra. (...) Nada finalmente faltou para a demonstração do sentimento religioso dos parahybanos. (FESTA DAS NEVES. **A Parahyba**. Parahyba do Norte, 16 ago. 1880)

Ao mesmo tempo em que a imprensa relatava sobre uma população que participava ativamente dessas festividades religiosas, também levantava uma outra questão sobre as formas de sociabilização na capital paraibana de meados do século XIX. Costumava apontar que as oportunidades de entretenimento eram muito restritas e se fazia urgente adotar mudanças a respeito disso. Nesse sentido, demonstravam a insatisfação de alguns cidadãos que diziam se sentir inferiorizados perante aqueles que visitavam a cidade, como se a vida social pacata fosse sinônimo de atraso. Nesse sentido, lê-se um trecho retirado de um jornal da época:

Já é proverbial a apathia e falta de sociabilidade de nossa capital, cujos habitantes, em falta de alimento e distracção para o espirito, procuram as lojas, vendas, boticas e outros logares apropriados para saber *o que há de novo* (...) Os clubs de todo o genero, mercantil, religioso, litterario, politico, philanthropico, patriotico etc, são associações hoje muito espalhadas em todas as sociedades. Desejava-mos que associações d'este genero se multiplicassem entre nós despertando-lhes o estimulo e que assim se tornasse esta capital *habitavel*, e não envergonhassemo-nos de dizer, ao hospede que nos chega, que aqui não vive-se, vegeta-se. (CLUB. **O Publicador**. Parahyba do Norte, 29 mai. 1886)

Em resposta a esse anseio da população, surgiam as “soirrés” realizadas em clubes, as representações teatrais, sempre anunciadas através dos jornais. Contraditoriamente, a imprensa também observava a falta de participação do público nesses eventos, como notificou o jornal *Diario da Parahyba*, em 28 de maio de 1885: “Infelizmente a caza esteve com maré de vazante, já devido ao mau tempo que fez, já devido, sejamos francos, a falta de gosto que domina entre nós pelo theatro”.

A imagem fixada a partir dessas informações é que havia uma sociedade que apresentava uma certa resistência às mudanças que vinham com a vida “moderna”, embora até mesmo a Igreja estivesse, de certo modo, “articulada” a essas novas manifestações culturais:

Hoje, no Theatro Santa Roza, e empreza pastoril realizará um espectaculo em beneficio das obras da matriz. A digna commissão encarregada de agenciar esportulas para o acabamento das alludidas obras espera o valioso concurso do publico n'essa festa de um fim inteiramente religioso. (ESPETACULO EM BENEFICIO. **Estado do Parahyba**. Parahyba do Norte, 13 fev. 1893)

Embora desejassem o “progresso”, os fortes laços com a religiosidade faziam com que seus cultos e festividades continuassem sendo o foco da vida social daquela população.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relevância dessa pesquisa dá-se pela recuperação das notícias dispersas pelos jornais, muitas delas com desaparecimento iminente, reunindo-as de forma sistemática e disponibilizando-as à comunidade acadêmica. O acervo formado é um banco de informações históricas que agiliza a pesquisa acadêmica, tornando-a prática e objetiva.

Dessa forma, garante-se a manutenção da informação, já que a fragilidade e a deterioração das folhas seculares tendem a levá-la à extinção, e suprime-se a necessidade de consulta direta aos jornais antigos, uma vez que o acesso é restrito e o manuseio provoca perdas e danos ao frágil material.

A catalogação, sistematização e disponibilização do acervo de informações aos estudantes, professores e pesquisadores, possibilitará o aprofundamento de temas pouco estudados, a retomada de assuntos abandonados por insuficiência de material, a criação de novas vertentes de pesquisa e o desenvolvimento de estudos inéditos, além de promover uma melhor compreensão dos temas e proporcionar a exploração de novas perspectivas e abordagens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Wellington. *A velha Paraíba nas páginas dos jornais*. João Pessoa: A União, 1999.

AGUIAR, Wellington. *Cidade de João Pessoa: a memória do tempo*. 3. ed. João Pessoa: Idéia, 2002.

AGUIAR, Wellington; MELO, José Octávio. *Uma cidade de quatro séculos*. João Pessoa: Governo do Estado da Paraíba, 1985.

AQUINO, Aécio Villar de. *Os cem primeiros anos da vida social de uma cidade*. João Pessoa, 1988.

BEZERRA, Alcides. A Imprensa: do Império à República. In: AGUIAR, W.; MELO, J. O. **Uma cidade de quatro séculos: evolução e roteiro**. João Pessoa: Fundação Cultural do Estado da Paraíba, 1989. p. 81-84.

GUEDES, Kaline Abrantes. *O ouro branco abre caminhos: o algodão e a modernização do espaço urbano da Cidade da Parahyba (1850-1924)*. Natal: Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, UFRN, 2006.

JARDIM, Vicente Gomes. *Monographia da cidade da Parahyba do Norte*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, 2, 1910, p.85-118.

LEAL, José. *Itinerário histórico da Paraíba*. 2. ed. João Pessoa: A União, s/d.

MARIZ, Celso. *Evolução econômica da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1978.

MOURA FILHA, Maria Berthilde. *O cenário da vida urbana: a definição de um projeto estético para as cidades brasileiras na virada do século XIX / XX*. João Pessoa: Centro de Tecnologia da Universidade Federal da Paraíba/Editora Universitária, 2000.

NEVES, Joana; PIMENTEL, Gloriete; FORMIGA, Zeluíza. *Catálogo da seção de obras raras do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba: I coleção de jornais antigos*. João Pessoa: Universitária/NDIHR, 1996.

NOGUEIRA, Helena de Cássia. *As primeiras décadas da eletricidade e do saneamento básico na capital paraibana 1900-1940*. João Pessoa: UFPB / Pós-graduação em Engenharia Urbana, 2005. Dissertação de Mestrado.

PINTO, Irineu Ferreira. *Datas e notas para a história da Paraíba*. Vol II. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 1977.

RODRIGUEZ, Walfredo. *Roteiro sentimental de uma cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1962.

SARMENTO, Christiane Finizola. *Sob o signo da modernidade: arquitetura oficial na Parahyba 1910-1924*. João Pessoa: UFPB, 2000. Monografia de conclusão da Graduação em Arquitetura.

TINEM, Nelci (Org.). *Fronteiras, marcos e sinais*. João Pessoa: Editora Universitária/Prefeitura Municipal de João Pessoa, 2006.

VIDAL, Wynna Carlos Lima. *Transformações urbanas: a modernização da capital paraibana e o desenho da cidade 1910-1940*. João Pessoa: UFPB / Programa de Pós-graduação em Engenharia Urbana, 2004. Dissertação de Mestrado.